

## A RELAÇÃO DOS ALUNOS COM OS SABERES NO ENSINO MÉDIO: NOTAS PARA COMPREENDERMOS A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>i</sup>

Alice Lany da Rocha Santos - DEF/UFS - alicelany@hotmail.com<sup>ii</sup>

Débora Maia Santos - DEF/UFS - deboramaya@hotmail.com<sup>iii</sup>

Omar Schneider - CEFD/UFES - <http://www.proteoria.org>; omarvix@gmail.com<sup>iv</sup>

Roselaine Kuhn - DEF/UFS - roselaineek@yahoo.com.br<sup>v</sup>

### RESUMO

O estudo aborda a questão da relação com o saber, utilizando como referência as proposições de Charlot (2000; 2001) que possibilitam a passagem de uma leitura negativa para uma leitura positiva da relação que os alunos estabelecem com os saberes socializados pela escola. Para responder a questão *O que os alunos fazem com os saberes compartilhados em Educação Física no seu cotidiano?* utilizamos os dados de uma pesquisa em andamento denominada *A Educação Física e as práticas cotidianas escolares: relação com o saber e as figuras do aprender*. Os procedimentos metodológicos empregados foram as técnicas de tabulação de dados da pesquisa quantitativa, conjuntamente com a análise interpretativa. Percebemos que os alunos consideram que sabem que aprenderam e que se apossaram de um saber quando conseguem acertar, tendo como conseqüência a obtenção de boas notas, quando conseguem jogar no tempo livre e quando conseguem derrotar outros jogadores. Acreditam que a escola possibilita melhorar de vida com o que é aprendido, alcançar a realização profissional e ser aprovado no vestibular, sendo representada como uma instituição que prepara para o futuro e o local de aprendizagens relacionais. Com o que se aprende manifestam que é possível ter uma vida mais saudável e compreender as informações veiculadas pela mídia sobre os esportes, saberes que podem ser utilizados fora da escola para jogar com os amigos e obter mais autonomia.

Palavras-Chave: Educação Física; Escola; Saberes.

### ABSTRACT

This study addresses the relation with knowledge, using as reference the propositions of Charlot (2000; 2001) that allow the passage from a negative reading to a positive reading of the relationship that students establish with the knowledge socialized at school. To answer the question *What do the students do with the shared knowledge in physical education in their daily?* We utilized information from an ongoing study called *Physical Education and everyday school practices: relation with knowledge and learning figures*. The methodological procedures applied were the techniques of disposition of quantitative research data, together with interpretative analysis. We realized that students consider that they know that they have learned and acquired a knowledge when they manage to answer correctly, consequently achieving good grades, when they manage to play during the free time and when they manage to defeat other players. They believe that the school allow them to improve their lives with what is learned, achieve professional accomplishments and be approved in the university entrance exam, being represented as an institution that prepares for the future and the place of relational learning. With what is learned they express that it is possible to have a healthier life and understand the information broadcasted in the media about sports, knowledge that can be used out of the school to play among friends and become more independent.

Keywords: Physical Education; School; Knowledge.

## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a bibliografia sobre a Educação Física escolar, percebemos que poucas pesquisas procuram compreender como os alunos se relacionam com os saberes compartilhados por essa disciplina na escolarização. Quando o fazem, descrevem apenas o que não foi possível apreender, destacando as situações de fracasso e o que os alunos não souberam explicitar em relação ao que, pretensamente, os pesquisadores acreditam como o que deveria ter sido aprendido. Como exemplo, podemos citar o estudo publicado por Dias et al. (1999), designado *Diagnóstico da Educação Física no Espírito Santo*, em que foi aplicado um questionário aberto a um grupo de estudantes com o objetivo de caracterizar o que foi denominado como o imaginário social.

Ao analisar as respostas, os autores observaram que o entendimento dos alunos do ensino fundamental estava fortemente ligado às ideias do aprendizado esportivo e do desenvolvimento físico-corporal. Para os alunos do ensino médio, havia a compreensão de que a Educação Física era um espaço de socialização. Conforme os autores, em relação ao que os alunos do ensino médio aprenderam na disciplina Educação Física, nos oito anos de escolarização, chegou-se à seguinte conclusão: as aulas de Educação Física não fizeram com que esses alunos se apropriassem minimamente de um conhecimento que permitisse uma compreensão que superasse o senso comum; o entendimento presente entre os alunos pareceu ser resultado apenas de uma recepção acrítica do que era veiculado pelos meios de comunicação, isto é, as aulas de Educação Física pareceram não influenciar o nível de conhecimento sobre os conteúdos que eles possuíam em relação a essa área (DIAS et al., 1999).

Esse diagnóstico deve ser revisto e novas leituras devem ser realizadas sobre esse material, com base em outras teorias explicativas, não somente com relação ao que foi denominado como imaginário dos alunos, mas também sobre o modo como foi retratado o papel do professor, do diretor e das condições ambientais e físicas na configuração do sentido da Educação Física na escola<sup>vi</sup>.

Diferente do que temos indicado, o presente estudo não se fundamenta na denúncia dos elementos da reprodução, mas no consumo produtivo, ou seja, realiza uma leitura positiva daquilo que os alunos conseguiram incorporar, e nas minivariações, materializadas nas situações de usos dos saberes compartilhados em suas aulas de Educação Física. Para nós é fundamental investigar o que os alunos fazem com os saberes adquiridos na escola, procurando identificar e compreender quais representações eles mobilizam para identificar

que aprenderam o conteúdo da Educação Física e como eles informam que utilizavam os saberes compartilhados na disciplina no seu cotidiano. É preciso realizar aqui um esclarecimento: *fazer*, no sentido que é empregado na pesquisa, remete a um conjunto de práticas que são materializadas no cotidiano das aulas, na escola e na rua, mas também a um conjunto de enunciados discursivos sobre a forma de fazer uso dos saberes que são compartilhados pela Educação Física no ambiente escolar.

Os dados trabalhados neste estudo foram coletados na pesquisa denominada *A Educação Física e as práticas cotidianas escolares: relação com o saber e as figuras do aprender*,<sup>vii</sup> que integra o projeto desenvolvido pelo *Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade* (EDUCON),<sup>viii</sup> do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED) da Universidade Federal de Sergipe.

Realizamos a coleta de dados por meio da aplicação de um questionário aberto com 30 perguntas, que foi respondido por alunos do ensino médio de uma escola pública, da cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe. A escola, denominada Escola 1, é uma instituição que possui a Educação Física como componente curricular no ensino fundamental e médio. Os questionários foram aplicados em duas turmas de uma mesma série: 3º ano A e B, totalizando 41 alunos, 26 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idade média em torno dos 17 anos.

O último ano do ensino médio é particularmente interessante para fornecer informações para o estudo, uma vez que a escola em que foram coletadas as informações oferece a Educação Física como componente curricular desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. Assim, os alunos tiveram acesso aos saberes compartilhados pela Educação Física por, pelo menos, sete anos. Desse modo, as experiências podem ser explicitadas no momento de estabelecer as relações que mantiveram e mantêm com os conteúdos trabalhados pela disciplina Educação Física.

O questionário foi dividido em três blocos temáticos, a saber: *Eu e a relação com o saber na escola*, *Eu e a relação com o saber em Educação Física* e, por último, *Eu e a relação com o saber na aprendizagem*. No estudo, estamos trabalhando com quatro questões que, por suas características, ajudam a compreender: *o que os alunos fazem com os saberes compartilhados nas aulas de Educação Física?* Desse modo, trabalhamos com as seguintes questões: (A) *Eu sei que aprendi o conteúdo da Educação Física quando;* (B) *Com o que eu aprendo na escola eu posso;* (C) *Com o que eu aprendo em Educação Física, eu posso;* e (D) *Fora da escola utilizo o que aprendo nas aulas de Educação Física para.*

Na análise dos dados, utilizamos as reflexões de Charlot (2000), principalmente quando esse autor busca discutir as possibilidades da passagem de uma leitura negativa para uma leitura positiva, discutindo a relação com os saberes e as situações de fracasso escolar. Para Charlot (2000), as teorias sociológicas vêm, há muito tempo, realizando uma leitura negativa sobre o processo de escolarização, desde teorias mais reconhecidas, como a produzida por Pierre Bourdieu em relação à reprodução, até as que se fundamentam no senso comum e que insistem em explicar as diferenças em termos de dons, enfatizando, quase sempre, o que os alunos não sabem, o que não conseguiram sistematizar e o que não conseguiram aprender, ou seja, o que lhes falta<sup>ix</sup>.

A teoria da relação com o saber se contrapõe às teses reprodutivistas desenvolvidas nos anos 1960 e 1970 por autores como Bourdieu e Passeron (1970), Baudelot e Establet (1971) e Bowles e Gintis (1976). Essas teorias que abordam a questão da reprodução têm por objetivo explicar como os alunos são levados a ocupar determinada posição no espaço escolar principalmente por meio da ideia de que a origem social, as deficiências socioculturais e as diferenças de ordem econômica e de classe social seriam a causa do fracasso escolar (CHARLOT, 2000). A relação com o saber, da forma como é utilizada nos estudos de Charlot, abre frentes de trabalho para se pensar as possibilidades da passagem de uma leitura negativa para uma leitura positiva, buscando problematizar e aprofundar as relações que os alunos estabelecem com os saberes.

Conforme Charlot (2000, p. 30), “[...] praticar uma leitura positiva<sup>x</sup> é prestar atenção também ao que as pessoas fazem, conseguem, têm e são e não somente àquilo em que elas falham e às suas carências”. Para o autor, essa forma de inquirir a realidade escolar “[...] é antes de tudo uma postura epistemológica e metodológica” (CHARLOT, 2000, p. 30). Essa nova postura do pesquisador ante a realidade escolar proporciona que se interrogue não somente pelos conhecimentos adquiridos e supostamente não adquiridos (as carências), mas também visando a proporcionar que se leia de “[...] uma outra maneira o que é lido como falta pela leitura mais negativa” (CHARLOT, 2000, p. 30).

A relação com o saber não trata somente de questões como fracasso escolar, deficiências socioculturais ou de origem econômica. A relação com o saber envolve três questões básicas, a saber: *Qual o sentido de ir à escola para uma criança?* *Qual o sentido de estudar?* e *Qual o sentido de aprender, dentro ou fora da escola?* (CHARLOT, 2000).

Para Charlot (2005), o aprendizado somente ocorre se o sujeito aceitar ser educado. Portanto, se ele não investir pessoalmente no processo que o educa, não há educação. Deve ocorrer uma mobilização do sujeito em que o indivíduo busca realizar atividades que fazem

sentido para sua vida, que o mobilizem, e isso são variáveis que não devem ser esquecidas quando se trata do acesso às aprendizagens. Segundo Charlot (2001, p. 47), "[...] talvez o pouco valor que os jovens conferem ao aprendizado de conteúdos curriculares não seja resultante do seu 'desinteresse', e sim, da sua dificuldade em encontrar um 'sentido' para aquilo que os professores ensinam".

### ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: RELAÇÃO COM A ESCOLA E COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao discutir sobre as *figuras do aprender*, Charlot (2000) indica que elas se configuram de formas diferenciadas: uma se materializa como *objetos-saberes*, objetos nos quais os saberes estão incorporados, como nos livros, nas obras de arte, etc.; outra tem a ver com objetos cujo uso deve ser aprendido, denominados como *saberes de domínio*, como amarrar o cadarço de um sapato, até os mais elaborados, como usar o computador, ler, nadar ou desmontar um motor, que são de estatutos variados; e, por último, a relação que se manifesta em *saberes relacionais*, como saber se portar socialmente, que somente podem ser apropriados na relação com o outro. “[...] Ante esses objetos, essas atividades, esses dispositivos e formas, o indivíduo que ‘aprende’ não faz a mesma coisa; o aprendizado não passa pelos mesmos processos” (CHARLOT, 2000, p. 66).

Ao trabalhar com a questão (A) *Eu sei que aprendi o conteúdo da Educação Física quando*, produzimos um gráfico demonstrativo, no qual foram destacadas as respostas mais recorrentes. Na organização dos dados, foram elaboradas categorias que nos permitem projetar algumas relações que os alunos mantêm com os saberes no aprendizado.

Podemos perceber que um número significativo de alunos produziu uma relação direta do seu aprendizado com a proporção dos seus acertos nas aulas ou na obtenção de notas altas. Isso é evidente quando 16% dos alunos afirmam que sabem o conteúdo quando o colocam em prática ou quando praticam esportes. Para esses alunos, aprender não se deteve ao aprendizado de uma teoria ou ao domínio de um objeto, mas avançou na projeção das atividades que foram dominadas.

Podemos dizer que na Educação Física existem duas formas em que a relação com os saberes se manifestam de forma mais objetiva: o *saber de domínio* e o *saber relacional*. Schneider e Bueno (2005, p. 39) afirmam que os saberes tematizados pela Educação Física são,

[...] em sua maioria, saberes que se projetam por meio do domínio de uma atividade, no caso as atividades que demandam controle e uso do corpo e dos movimentos, em que não exista referência a um saber-objeto, pelo menos por parte do aluno, mas à capacidade de saber usar um objeto de forma pertinente.

Para os alunos, os saberes de domínio demandam o seu uso em situações determinadas quando conseguem demonstrar que compreenderam a formalidade das regras, quando são capazes de jogar e, mais especificamente, quando fazem uso das habilidades esportivas desenvolvidas nas aulas de Educação Física para ganhar a competição, concebidas como resultado de um maior número de acertos. Nesse sentido, sabem que aprenderam o conteúdo da disciplina quando obtêm a vitória sobre outros competidores ou mesmo quando superam a sua própria performance. Desse modo, a avaliação que empreendem do sentido do aprendizado tem como pano de fundo o “fazer uso”.

O estatuto epistêmico da Educação Física diferencia-se das outras formas empregadas para definir as aprendizagens. Seus saberes não tomam forma de *saberes-objetos*, mas inscrevem-se como saberes de regulação, relacionais consigo mesmo e com os outros (SCHNEIDER, 2005).

No momento do jogo, está presente a construção de si mesmo, a imagem de si e o seu eco reflexivo. O aluno aprende para conquistar sua independência e para “ser alguém”. Para isso, a sociedade moderna impõe o sucesso escolar mediante a figura do saber-objeto como um caminho obrigatório para se ter o direito de “ser alguém”. Porém, existem diversas maneiras de “tornar-se alguém” por meio das diferentes figuras do aprender (CHARLOT, 2000).

Segundo Charlot (2000, p. 73), “[...] a relação com o mundo depende da relação com o outro e da relação consigo [...] porém [...] o ‘mundo’, ‘eu’ e ‘o outro’ não são meras entidades”. O “mundo” é o que a criança vive, um mundo estruturado por relações sociais e desigual. O “Eu” é o sujeito, que ocupa uma posição escolar e social, que tem uma história, com desilusões, esperanças, planos e sonhos. O “outro” são os professores que ensinam “mais ou menos”, ou ainda os pais que delegam missões para o filho.

Essas discussões acerca dos usos e dos sentidos que os alunos possuem a respeito da escola são analisadas com base nos dados coletados por meio na questão (B) *Com o que eu aprendo na escola eu posso*.

Neste sentido os alunos fazem alusão a uma escola que ultrapassa os muros da instituição. Ela é apresentada como uma instituição que é capaz de interferir no cotidiano e que molda as expectativas dos alunos, principalmente em relação à produção do futuro profissional. Nessa análise, identificamos um dado em comum nas categorias encontradas nas

quatro perguntas: a relação temporal do aluno com a escola. Segundo Lomonaco (2008), a relação dos alunos com a escola pode ser lida de um ponto de vista *temporal*, representando um valor maior ao *futuro* – o que ela pode me oferecer – do que ao presente – o que ela me oferece. Nesse caso, o aluno não faz uma relação direta com a escola, mas com o futuro ou com uma profissão, como se a escola constituísse uma etapa intermediária de um momento que ainda está por vir. Ou, ainda, essa relação pode ser compreendida do ponto de vista mais *imediato*: o aluno está na escola porque isso o transforma e o faz diferente do que ele é.

Dessa forma, é possível observar que “[...] os alunos que estabelecem uma relação utilitarista com o saber exigem que os saberes escolares sejam úteis na vida cotidiana” (BAUTIER; ROCHEX, apud LOMONACO, 2008, p. 47). Nesse sentido, os alunos empregam à escola um valor específico, pois, por meio dela, eles não aprendem somente a ler e a escrever, porque é justamente a escola que representa a possibilidade concreta de uma realização profissional. Na medida em que esses alunos afirmam que querem “ser alguém na vida”, eles reafirmam a própria identidade por meio do processo de letramento, demonstrando que “outra pessoa” passa a ser construída paulatinamente durante o processo de aprendizagem, ou seja, eles só conseguirão superar a situação atual em que vivem por meio da educação que recebem na escola. Para Lomanaco (2008, p. 49) “Ser educado ou se submeter à educação escolar permite existir; por essa razão, ‘ser alguém na vida’ e suas variações aparecem com tanta frequência nas escritas das crianças”. Desse modo, os alunos demonstram que acreditam

[...] que a escola abre portas, que o diploma tem grande valor social, que através dela se pode ter um bom futuro, ser alguém melhor, enfim, pertencer ao mundo adulto, faz com que muitos alunos invistam em seus estudos, mobilizem-se pela escola [...] (LOMONACO, 2008, p. 55).

Para alguns alunos, estudar não significa necessariamente um trabalho cognitivo, pode significar também obter um diploma ou passar de ano. Porém,

[...] é possível que a relação com o futuro diploma ajude esses alunos a construírem um outro tipo de *relação com o saber* [...] o que inicialmente era apenas uma relação com a escola, pouco a pouco, pode tornar-se uma *relação com o saber*, pelo gosto que acabam desenvolvendo pelo próprio saber (LOMONACO, 2008, p. 55, grifo do autor).

Ora, se por um lado, existem alunos que fazem essa relação utilitarista com a escola, para outros, a escola é vista como lugar da educação, da formação do indivíduo e daquilo que lhes permite existir, como uma “[...] escola que demanda o domínio de uma dinâmica que implica

*continuidade e diferenciação*, que deveria permitir que o aprendizado escolar ajudasse o aluno a construir o sentido do mundo, de si, das relações com os outros e com ‘a vida’” (LOMONACO, 2008, p. 56).

Os alunos trazem um outro olhar sobre o que eles podem fazer com o que aprendem na escola fazendo uma relação com o mundo e com os diversos sentidos que são atribuídos à aprendizagem e à escola. Para eles, o resultado do aprendizado escolar irá interferir no seu cotidiano, mais especificamente nas suas relações com o outro.

Apesar de a principal função da escola ser instruir, ela funciona também como um espaço para a organização da vida. Aprender é, sempre, aprender um momento de minha história, assim como em momentos de outras histórias, as histórias da humanidade e da sociedade em que se vive, do local em que aprendo e das pessoas com quem convivo (CHARLOT, 2000).

Percebemos que, apesar de aparecer nas categorias muitas representações que encaminham para o entendimento de que a relação temporal com a escola é predominante, que a função da escola é preparar para realizações futuras e que o utilitarismo está por trás das formas de como eles se apropriam dos saberes, também é possível destacar que existem outros entendimentos sobre o significado da escolarização. Aprender a compreender o mundo, a se compreender e a compreender os outros são representações que permitem que os alunos se desvencilhem do utilitarismo e percebam que a escola e os saberes que ela difunde servem para outras coisas, por exemplo, tornar-se uma pessoa melhor.

É importante deixar claro que a relação temporal não pode ser desconsiderada na formação do aluno, uma vez que o que se aprende na escola deve ter um uso e deve fazer sentido para o aluno. Por que é necessário ir para à escola? Em que as disciplinas ajudam na formação do aluno? Por que algumas disciplinas devem fazer parte do currículo de formação? O que é possível fazer com o que se aprende nas aulas?

Aquilo que o aluno aprende nas aulas permite que ele se construa como ser humano, podendo se tornar alguém com maior capacidade de compreender o mundo, fazendo escolhas, tomando decisões e planejando as formas de fazer uso das habilidades desenvolvidas durante a escolarização, para poder escolher uma profissão futuramente. Desse modo, não podemos qualificar a relação temporal como apenas utilitária, uma vez que existe um nível de utilitarismo que é necessário para que o homem possa projetar seu futuro, capacitando-o na criação de estratégias para alcançar os objetivos, que podem ser passar no vestibular, conseguir um bom emprego e ser alguém na vida.

Para tratar da questão dos usos que os alunos fazem dos saberes apreendidos na escolarização, em particular os que são compartilhados pela Educação Física, utilizamos os



dados fornecidos pela questão (C) *Com o que eu aprendo em Educação Física eu posso*. Podemos perceber que os alunos, ao projetar o que eles aprendem nas aulas de Educação Física, relacionam essas aprendizagens com a categoria *ter uma vida mais saudável* (38%); *aprender sobre a saúde do corpo* (6%); e *aplicar na minha vida (dia a dia)* (10%).

O resultado demonstra que os temas da saúde e sua relação com a Educação Física têm uma representação muito forte que permeia, em grande parte, a forma de significar o lugar e as possibilidades de usos dos saberes compartilhados pela Educação Física no ambiente escolar. Essa é uma representação que faz parte da própria história da Educação Física. Historicamente, a área assumiu saberes provenientes de diferentes campos de conhecimento, como a Medicina e a Higiene que sustentam o discurso dos métodos ginásticos, bem como do treinamento desportivo.

Desse modo, muito do que é expresso pelos alunos são ecos dos discursos que foram naturalizados, tanto pelos professores de Educação Física, como pelos meios de comunicação. São representações compartilhadas e constantemente ressignificadas que assumem novos discursos para afirmar a educação do corpo na sociedade contemporânea. Quando o aluno expressa o que entende sobre a importância das aulas de Educação Física, cuidar do corpo e da saúde são as suas referências predominantes. Como a Educação Física é a disciplina mais associada ao corpo, cabe a ela dar conta dessas representações com as quais o aluno antecipadamente e provavelmente, teve contato por meio da mídia.<sup>15</sup>

Além da questão da saúde, também houve um número significativo de respostas voltadas para a questão do esporte. As categorias extraídas das respostas dos alunos demonstram que, com o que eles aprendem em Educação Física, eles podem entender, aprender, praticar e até mesmo ensinar diversos esportes.

O esporte pode e deve ter o seu espaço dentro da escola por meio de uma proposta que considere as diferenças entre os praticantes, oferecendo oportunidades a todos, não somente aos mais habilidosos. Portanto, o professor deve trabalhá-lo tendo como critério a possibilidade de uma concepção pedagógica do esporte “[...] de maneira que os alunos tenham possibilidade de entender o esporte e mudá-lo de acordo com seus interesses, suas necessidades e seu próprio modo de vida” (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001, p. 23).

Na questão (D) *Fora da escola utilizo o que aprendo nas aulas de Educação Física para*, a grande variabilidade de respostas construídas pelos alunos impulsionou a construção de uma multiplicidade de categorias para uma mesma questão, o que parece revelar que o tema ainda não está claro para os alunos, pois ainda não haviam refletido sobre essa questão. Afinal o que eu faço com todo o repertório de saberes que aprendo nas aulas de Educação Física? Não é

uma resposta fácil de ser produzida. A mais simples e esperada é que serve para melhorar a saúde e para ter maior qualidade de vida, como já foi revelado. Outras representações convivem e se materializam nas respostas dos alunos, como saber jogar em situações diferenciadas, compreender os limites do corpo e respeitar o outro, saber ensinar a outras pessoas o que se aprende sobre os esportes e saber analisar o espetáculo esportivo transmitido pela televisão, capacidades que visam à autonomia do sujeito em frente às demandas da sociedade contemporânea.

No que tange a questão da autonomia, a questão *O que os alunos fazem com o que aprendem nas aulas de Educação Física fora da escola?*, novamente traduz a representação de que é possível a autogestão das condições, para se alcançar mais e melhores níveis de saúde, é predominante nas respostas dos alunos. Sabemos que esse é um tema complexo, pois a qualidade de vida não existe sem estar associada à saúde, à educação, ao bem-estar físico, psicológico, emocional e mental, e à expectativa de vida, etc. Para se manter uma vida saudável, são necessários muitos elementos que não podem ficar dissociados de temas como a família, os amigos, o emprego e outras circunstâncias da vida.

Para que a vida seja mantida dentro de condições saudáveis, é necessário, por exemplo, aprender a ler as informações que são distribuídas pela mídia, possibilitando filtrar as mensagens publicitárias que oferecem produtos que prometem melhorar a saúde e a performance. São atitudes de autonomia que os saberes compartilhados nas aulas de Educação Física podem possibilitar aos alunos. Saber utilizar o que foi aprendido para jogar com os amigos, conviver melhor em grupo, praticar outros esportes, saber utilizar de forma proveitosa o tempo livre e compreender os esportes transmitidos pela televisão refletem algumas das competências que os alunos afirmam ter obtido nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Estudar a relação com o saber é estudar o aluno confrontado com a necessidade de aprender e a presença de “saber” no mundo, pois o aluno, primeiramente, é uma criança ou adolescente, isto é, “[...] um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimento de diversos tipos” (CHARLOT, 2000, p. 33).

Ainda para Charlot (2000, p. 53),

[...] nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se, em um triplo processo de hominização (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela).

Para Vygotsky, desde o nascimento da criança, o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados, de modo que o aprendizado da criança se inicia muito antes de ela frequentar a escola, pela interação com o meio físico e social onde realizam uma série de aprendizados. Como membro de um grupo sociocultural determinado, ela vive uma série de experiências e age sobre todo o material cultural (valores, ideias, concepções de mundo) a que tem acesso. Assim, mesmo antes de entrar na escola, a criança já construiu uma série de conhecimentos que a cercam (REGO, 1995).

Nas afirmações de Davidov sobre os pressupostos de Vygotsky, a escola "[...] não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas, principalmente, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado, de modo que ele possa praticá-la com maior autonomia ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola" (DAVIDOV, apud REGO, 1995, p. 108).

No que tange à Educação Física, é necessário estabelecer as possíveis relações do aprendizado com a vida do aluno. Os conteúdos de ensino não devem ser dissociados do mundo dos alunos e da própria sociedade. Além disso, é preciso fazer com que a aprendizagem seja significativa, transpondo “[...] a simples conotação de ensinar nos limites visíveis dos eventos e, sobretudo, acessar os indivíduos a um saber investigativo e reflexivo sobre o próprio aprender” (MELO, 2008, p. 64). É preciso, portanto, tornar o conhecimento da Educação Física significativo aos olhos da sociedade. Segundo Melo (2008, p. 64), “Toda aprendizagem deve ter sentido e significado para os alunos. O sentido está vinculado ao propósito de cada ação vivenciada, enquanto o significado diz respeito aos valores que cada um atribui à aprendizagem decorrente da ação”.

Dessa forma, a aprendizagem torna-se significativa para o aluno quando o professor o leva a entender a importância do conteúdo para além dos limites da sala de aula, levando-o para sua própria vida, nas suas diferentes relações cotidianas (MELO, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que os alunos atribuem variados sentidos para o que eles aprenderam e como consideram o que pode ser feito com as aprendizagens, pois não há mobilização intelectual sem o desejo, sem levar ao prazer e à satisfação. Uma pessoa somente encontra sentido quando algo que lhe acontece pode ser posto em relação com os outros em um sistema e que tem relações com outras dimensões de sua vida (CHARLOT, 2000).

Por meio de uma mobilização interior é que o indivíduo busca realizar atividades que fazem sentido para sua vida, que de fato o mobilizem e isso constitui variáveis que não devem ser esquecidas quando se trata da relação com o saber. Pode até ser somente o desejo por aprender, de conhecer um conteúdo, de se apropriar de uma parte do patrimônio cultural humano. Porém, pode ser também o desejo de aprender algo “útil”, algo aplicável imediatamente fora da escola (DIEB, 2008).

Na escola ensinam-se muitas coisas importantes. Porém, poucas são úteis, se consideramos que é útil apenas o que tem funcionalidade imediata ou que possui valor de troca. Saber compreender o mundo e se autocompreender também tem a sua utilidade, se a intenção da escola e do professor for a de tornar o ser humano mais autônomo com capacidade crítica e reflexiva. Portanto, é importante entender o mundo que nos rodeia, quem somos nós e quem é o outro, na mesma medida em que é importante sentir-se inteligente, ser capaz de “ser alguém na vida”, sentir-se membro de uma comunidade e, principalmente, sentir-se mais humano no sentido de ser um sujeito insubstituível (DIEB, 2008).

Os alunos fazem uma leitura positiva da passagem pelo processo educacional. Acreditam que é possível melhorar de vida com o que é aprendido na escola, alcançar a realização profissional e o meio para ser aprovado no vestibular. Desse modo, os alunos fazem alusão a uma escola que tem um poder que vai além da sala de aula, uma vez que ela modela perspectivas para o futuro.

Apesar de a principal função da escola ser instruir, ela participa da educação e também é um espaço de vida (CHARLOT, 2000). Por isso, grande parte dos alunos expressa outro olhar sobre o que eles podem fazer com o que aprenderam na escola. Desse modo é que conseguem, com base na relação que possuem com outras instâncias de aprendizagens (família, grupos de amigos, igreja, etc.), construírem outros sentidos e aplicações para o que aprendem na escola e nas disciplinas. Os estudantes percebem que a escola é o local das aprendizagens relacionais, e é nesse espaço que podem exercitar o respeito às diferenças e a comunicação com outros alunos, tornando-se pessoas melhores. Para os alunos o resultado do aprendizado escolar interfere diretamente no seu cotidiano e, mais especificamente, nas suas relações com o outro.

As respostas oferecidas pelos alunos, quando questionados sobre como eles sabem que aprenderam o conteúdo da disciplina Educação Física, nos dão condições de perceber que existe, por parte deles, uma preocupação com a obtenção de boas notas nas provas, um bom desempenho nas práticas esportivas oferecidas pelo professor e também na aplicação que podem fazer quando exercitam as aprendizagens em outros espaços, como na rua, quando

jogam com amigos intencionando a vitória. Sabem que aprenderam quando conseguem ganhar ou ser campeões em alguma modalidade esportiva, seja dentro, seja fora da escola.

Mas, além dessas constatações, o que se faz com o que é aprendido nas aulas de Educação Física? Responder a essa questão é tratar dos usos que se faz a partir dos saberes adquiridos. As respostas mais frequentes afirmam que é para melhorar a saúde e para ter maior qualidade de vida. Mas, como foi possível perceber, essa representação não é a única que norteia o imaginário dos alunos. Para eles, saber jogar em situações diferenciadas, compreender os limites do corpo e respeitar o próximo, habilitar-se para ensinar as outras pessoas o que se aprende sobre os esportes, assim como saber analisar o espetáculo esportivo com base em um olhar mais crítico constituem parte importante dos saberes que devem ser difundidos na escola e na disciplina Educação Física. Consideramos esse um tema importante, relevante, atual e necessário para a configuração da escola e da Educação Física no contexto da escola contemporânea. Os dados e a análise permitem reflexões acerca da prática pedagógica que vem sendo empreendida na Educação Básica, bem como nos desafios e possibilidades para se ampliar o olhar sobre o aluno e sobre as relações pedagógicas, na busca de fomentar uma educação para efetivar a autonomia.

Finalmente, é preciso recordar o que disse Charlot (2001), quando afirmou que talvez o pouco valor que os jovens atribuem ao que é compartilhado pela escola esteja não somente relacionado com algum tipo de “desinteresse” por parte dos alunos, mas, sobretudo, com a dificuldade que possuem de atribuir sentido ao que a escola e os professores buscam ensinar.

## REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artimed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artimed, 2001.

\_\_\_\_\_. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artimed, 2005.

DIAS, A. et al. Diagnóstico da educação física escolar no Estado do Espírito Santo: condições comportamentais: o imaginário social dos alunos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, UFSC, v. 21, n. 1, p. 1446-1446, 1999.

DIEB, M. (org.). **Relações e saberes na escola**: os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2001.

LOMONACO, B. P. A escola rural: entre a internet e os sacis. In: DIEB, M. (Org.). **Relações e saberes na escola**: os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 39-74.

MELO, J. P. A educação física como componente curricular: seu lugar entre os saberes escolares. In: SCHNEIDER, O. et al (Org.). **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: EDUFS, 2008. v. 2. p. 51-71.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SCHNEIDER, O.; BUENO, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. Porto Alegre: **Movimento**, v. 11, n. 1, p. 23-45, jan./abr. 2005.

SCHNEIDER, O.; FERREIRA NETO, A. Intelectuais, educação e educação física: um olhar historiográfico sobre saúde e escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 73-92, maio 2006. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/>. Acesso em: 20 de dez. 2008.

---

<sup>i</sup> O artigo é fruto dos estudos desenvolvidos pelo *subgrupo Educação Física*, composto por professores e ex-alunos, do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), pertencente ao *Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade* (EDUCON), sediado na UFS.

<sup>ii</sup> Professora licenciada em Educação Física - UFS 2009 e membro do *subgrupo Educação Física* do EDUCON.

<sup>iii</sup> Professora licenciada em Educação Física - UFS 2009 e membro do *subgrupo Educação Física* do EDUCON.

<sup>iv</sup> Professor adjunto do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenador do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (PROTEORIA).

<sup>v</sup> Professora assistente da licenciatura do DEF-UFS; mestre em Educação nas Ciências e membro do *subgrupo Educação Física* do EDUCON.

<sup>vi</sup> A reanálise dos dados da pesquisa citada já foi realizada por Schneider e Bueno (2005), com o título *A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de Educação Física*, utilizando como referência as propostas de estudo de Charlot (2000) e as distinções epistêmicas em relação às *figuras do aprender*.

<sup>vii</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC) e pelo Programa de Auxílio à Integração de Docentes (PAIRD) da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>viii</sup> O EDUCON é coordenado pela professora Dra. Veleida Anahi da Silva (NPGED/UFS) e pelo professor Dr. Bernard Charlot (NPGED/UFS). O grupo se articula em torno da abordagem multidisciplinar de questões teóricas e empíricas relacionadas com a sociedade contemporânea, em especial, a Educação entendida como direito fundamental. Por meio de duas linhas de pesquisa (Educação e Intervenções Sociais e Formação de Professores), objetiva aprofundar o conhecimento científico a respeito das relações entre processos educacionais e processos de mudança social, focando as seguintes temáticas: diferenças socioculturais; saberes e subjetividades extrapolando os saberes estritamente disciplinares; organização, relações de trabalho e educação nas sociedades contemporâneas; sociedade, trabalho e educação; juventude, educação, trabalho e cultura; educação e ações afirmativas; educação e linguagens. (<http://br.geocities.com/educonufs/>).

<sup>ix</sup> O fracasso escolar nas teses reprodutivistas foi analisado em termos de diferenças entre posições sociais pela Sociologia dos anos 1960 e 1970, momento em que houve uma predominância de leituras negativas na interpretação dos dados, tanto pelos pesquisadores como pelos docentes. Essa sociologia não trata, na verdade,

---

das reais diferenças e recorre, essencialmente, à ferramenta que permite apreender e processar as diferenças: as estatísticas (CHARLOT, 2000).

<sup>x</sup> De acordo com Charlot (2001, p. 30), “[...] a idéia de uma leitura em positivo (postura epistemológica) é freqüentemente interpretada em termos de leitura ‘otimista’ (posição moral)”. Segundo o autor, mesmo com todos os seus desmentidos, essa interpretação de sua proposta continua ainda bem freqüente.

<sup>15</sup> Na história da Educação, percebe-se que o componente curricular Educação Física esteve voltado, em alguns momentos, para a preocupação com a “saúde” do corpo, numa perspectiva que concebia o corpo como objeto, como uma máquina que poderia ser manipulada e aperfeiçoada (SCHNEIDER, 2006).